

O USO DO PRETÉRITO IMPERFEITO COMO ESTRATÉGIA PARA A EXPRESSÃO DE HIPÓTESE NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

Wendel Silva dos SANTOS

1 INTRODUÇÃO

Entre os estudos que se ocupam em verificar a alternância entre o futuro do pretérito e pretérito imperfeito, há o comum pensamento de que uma das explicações mais recorrentes para tal variação está no fato de os dois tempos verbais compartilharem características afins. Ambos, por exemplo, “[...] manifestam traços de inconclusão do aspecto [...]” (SOUSA, 2007).

Para Silva, há

[...] três possibilidades de alternância entre o Pretérito Imperfeito e o Futuro do Pretérito que são bastante recorrentes: a) os verbos flexionados no pretérito imperfeito (PI) costumam ser empregados nos contextos em que o esperado seria o futuro do pretérito (FP); b) verbos com morfologia temporal de futuro podem ser usados no lugar do imperfeito e; c) ambas as formas, todas do modo indicativo, são frequentemente empregadas pelo Presente (SILVA, 1998, p. 459).

Para Tarallo (2007), o universo da língua se configura como um campo de batalha em que duas ou mais variantes se enfrentam em um duelo de contemporização, por subsistência e coexistência. A essa *batalha*, acrescentamos, ainda, a relação existente entre língua e sociedade. Ao acordar entre si as formas de prestígio, sociolinguisticamente falando, os falantes tendem a desprestigiar as demais formas que fogem às regras desse acordo, sendo, portanto, estigmatizadas.

No caso da variação aqui estudada, percebemos que os falantes desconsideram tal prestígio ou desprestígio, pelo fato de que os falantes utilizam, naturalmente, as formas dispostas na língua. Nos exemplos a seguir, podemos verificar a normalidade dessa variação:

I. “Gostava de ver o programa do evento, quando estiver pronto”.

II. “Se eu ganhasse na loteria, eu ajudava um *mucado* de gente que precisava”.

Em I, temos a transcrição da fala de uma pessoa com escolaridade universitária que, ao ter conhecimento da existência de um determinado evento acadêmico, gostaria de ter acesso ao programa do evento. Já em II, temos a transcrição da fala de uma pessoa com escolaridade fundamental, que expressa uma hipótese sobre a possibilidade de ganhar na loteria.

Com os exemplos supracitados, percebemos que não há, entre os falantes, estigma em relação a uma ou a outra forma, principalmente em contextos informais de fala; ao contrário, comprovamos que tem se tornado comum o uso do pretérito imperfeito ao lado do futuro do pretérito para a expressão de hipótese. Trata-se, então, de fenômeno morfossintático que se tem mostrado bastante evidente no português brasileiro, pois, como afirma Sousa (2007), apoiando-se em Tarallo, a variante considerada padrão tem coexistido parcialmente com a forma inovadora, e os falantes estão reagindo naturalmente tanto em relação a uma quanto a outra variante.

Corroborando ainda a ideia de que, por meio desta pesquisa, em âmbito estadual – já que propomos estudar o caso no Maranhão –, podemos obter um maior conhecimento acerca da variante mais utilizada para a expressão de hipótese, o que nos dá a possibilidade de, por um lado, estabelecer comparações com os dados de outros estudos realizados em localidades diversas e, por outro lado, verificar o que é representativo do vernáculo que, segundo a perspectiva laboviana (LABOV, 2008), refere-se à língua falada, usada em situações naturais de interação social, quando se dá atenção mínima à fala. Desse modo, esperamos contribuir para uma descrição maior do português brasileiro.

Além disso, há uma lacuna no âmbito dos estudos linguísticos sobre o português falado no Maranhão, uma vez que, até onde pudemos investigar, não existem trabalhos com dados do Maranhão sobre a temática de que, neste estudo, nos ocupamos.

Quanto aos critérios adotados, esta pesquisa alia os princípios teórico-metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística constituindo-se, portanto, em um estudo geo-sociolinguístico, que se estruturou nas seguintes etapas: pesquisa bibliográfica no âmbito da Linguística e da Sociolinguística, com ênfase nos estudos

morfossintáticos; delimitação e seleção do *corpus*; a partir dos dados do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA¹; análise estatística dos dados, obtidos a partir da utilização da versão mais recente do programa computacional *Varbrul – GoldVarb*².

Para obtermos resultados que se mostrassem relevantes para a pesquisa no que concerne à variação do futuro do pretérito e pretérito imperfeito para a expressão de hipótese no português falado no Maranhão, agrupamos as formas variantes e fizemos uma rodada geral, com as realizações de todos os municípios, e uma rodada específica, levando em consideração fatores sociais, a saber: localidade, idade, sexo e escolaridade e o fator linguístico – paralelismo formal.

Em um primeiro momento, entretanto, para fins de problematização do objeto de nosso estudo – o alargamento do domínio do pretérito imperfeito em direção ao futuro do pretérito para a expressão de hipótese no português falado –, é importante partir de algumas noções sobre os tempos em questão.

2 A NOÇÃO DE PRETÉRITO

Estritamente ligado a um fato passado, o pretérito possui um caráter explicitamente objetivo, podendo ser dividido em três possibilidades: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. Em nossa pesquisa, enfocamos apenas o tempo que faz parte de nosso objeto de estudo: o pretérito imperfeito.

Para Pereira (1929, p. 504), o passado

¹ Os informantes do ALiMA, em número de quatro em cada localidade investigada, exceto em São Luís, onde foram entrevistadas oito pessoas, são selecionados com base no perfil descrito a seguir. Pessoas de ambos os sexos, distribuídas, igualmente, em duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos; quanto à escolaridade são considerados sujeitos alfabetizados e que tenham cursado, no máximo, até a 4^a série do Ensino Fundamental. Apenas na capital do Estado, onde há maior densidade populacional e grande diversidade de estratos sociais, o número de informantes é maior, de modo a incluir universitários. Os informantes devem ser naturais da localidade linguística pesquisada, devendo não se ter daí afastado por mais de um terço de suas vidas. Seus pais devem ser também, preferentemente, da mesma localidade linguística.

² Desenvolvido por Sankoff e Rousseau, o *Varbrul* “[...] é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILEES, 2007, p. 105).

[...] é a época indefinida anterior ao acto da palavra. E' elle divisível, porque a acção passada póde ser considerada nos diversos momentos da duração com relação ao maior ou menor afastamento do acto da palavra, e, ainda com relação a um outro facto, a que a acção verbal é contemporanea ou anterior; dahi a subdivisão do passado em – *perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito*.

Parafraseando Coroa (2005), temos que o imperfeito não expressa os limites do evento, ou seja, não necessariamente o evento acaba antes do momento em que falamos. Para fins de exemplo temos: *Paulo ajudava seus pais*. Neste caso, não necessariamente Paulo deixou de ajudar seus pais; logo, podemos concluir que se trata de um fato inconcluso que, como nos diz Cabrera, “[...] exprime um fato como anterior ao momento atual, mas ainda não concluído no momento passado a que nos referimos”. (2007, p. 99).

Câmara Jr., por sua vez, refere-se ao pretérito imperfeito, ligando-o ao que vai chamar de eixo da noção de aspecto, em que se opõem dois conjuntos de formas verbais, sendo do imperfeito a função de assinalar esse processo inconcluso. Segundo o autor, “[...] o imperfeito é que tem o emprego “metafórico” para indicar a irrealidade [...]” (1976, p. 90).

3 A NOÇÃO DE FUTURO

O futuro é o tempo verbal que indica um determinado processo, posterior ao momento da fala ou da narração. Podemos pensá-lo como uma decorrência de um acontecimento passado, pois somente neste caso é que podemos nos posicionar categoricamente, podemos defini-lo como um lugar de impossibilidades, de suposições.

Apesar de autoras como Coroa (2005, p. 55) e Silva (1998, p. 461) divergirem neste ponto – a primeira não pensa o tempo futuro como “[...] uma continuação linear do passado [...]” (pelo menos este não é o ponto mais importante); a segunda considera o futuro como “[...] uma situação S (evento ou estado) passada [...] à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R.” – percebemos que os dois pensamentos têm contribuições a trazer para o estudo deste tempo, uma vez que não podemos tornar taxativas as possibilidades de usos em uma língua que, como já

dissemos, sofre mutações diárias; além disso, o indivíduo adapta os usos aos diferentes contextos nos quais está inserido. Como assinala Sousa, “[...] o futuro pode estar indicado em possibilidades tanto do momento da fala como de tempos narrados” (2007, p. 1).

Entrando mais especificamente nos estudos do tempo futuro, enveredando para o centro de nossa pesquisa, temos que “[...] o futuro do pretérito indica um processo posterior a algo passado, mas pode indicar também hipótese, probabilidade, incerteza ou não comprometimento do falante com o que está sendo dito” (SOUSA 2007, p. 4).

Para Travaglia (1999, p. 674 e 675), o futuro do pretérito pode ser empregado “[...] para exprimir uma situação passada, presente ou futura como posterior a um momento que pode ser representado por outra situação.” Pode, ainda, ser usado “[...] nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizam [...]”, caindo, portanto, no campo da hipótese ou do suposto.

Outra contribuição que pode nos levar a compreender o uso do futuro do pretérito vem de Coutinho (*apud* SOUSA, 2007, p.24) que assim explica a formação do tempo em questão: “[...] o surgimento do futuro do pretérito teria ocorrido no latim vulgar, e não no português, como resultado da intenção de traduzir o chamado futuro do perfeito ou condicional, expresso no latim arcaico pelo chamado imperfeito do subjuntivo.”

4 OS DADOS DO MARANHÃO

Como afirmamos anteriormente, com esta pesquisa pretendemos investigar a produtividade do pretérito imperfeito para a expressão de hipótese, no português falado no Maranhão. É importante ressaltar mais uma vez que, para obtenção dos dados, lançamos mão do questionário morfossintático do Atlas Linguístico do Maranhão, mais especificamente a questão 42: *o que você, o(a) senhor(a), faria se ganhasse na loteria?*.

Demonstraremos, a seguir, por meio do quadro de realizações, os dados obtidos a partir das transcrições das respostas dadas à pergunta formulada, levando em consideração os fatores sociais e o fator linguístico escolhidos para esta pesquisa.

a) Quadro geral de realizações X perspectiva diatópica³

Neste tópico, o da rodada geral, apresentamos o total de todas as realizações. Levamos em consideração todos os fatores sociais e o fator linguístico e a variável dependente.

Futuro do pretérito	Perífrase verbal	Pretérito imperfeito	TOTAL
23	48	86	157
14,6%	30,6%	54,8%	100%

TABELA 1 – Distribuição total das ocorrências

Como podemos perceber nesta tabela geral de realizações do *corpus* do trabalho, há um perceptível avanço no uso das formas inovadoras – pretérito imperfeito e perífrase verbal – em relação à forma padrão – futuro do pretérito. Podemos perceber também, fazendo-se uma análise da tabela, que o pretérito imperfeito é a variante mais utilizada pelos falantes, em todas as localidades, para a expressão de hipótese no português do Maranhão, seguido da perífrase verbal e, por último, da forma padrão, o futuro do pretérito.

Das 157 realizações de expressão de hipótese, houve 23 ocorrências de futuro do pretérito, correspondendo a 14,6% de todas as realizações; 48 ocorrências de perífrase verbal, correspondendo a 30,6% do total de realizações; 86 ocorrências de pretérito imperfeito, o maior número do total de realizações, correspondendo a 54,8% de todas as ocorrências.

É importante ressaltarmos que, por se tratar de uma análise binária, futuro do pretérito x pretérito, torna-se necessário fazermos algumas considerações sobre a distribuição geral dos dados.

³ Pensamos como Rossi (*apud* CARDOSO, 2010, p. 45) para quem um “fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área”.

Na primeira rodada dos dados, obtivemos nocautes nas seguintes localidades: 2 – Pinheiro, 5 – Alto Parnaíba e 7 – Balsas. Ao realizarmos uma segunda rodada, agora extraíndo os nocautes apresentados nos municípios supracitados e verificando os dados separadamente, por localidade – futuro do pretérito x pretérito imperfeito –, percebemos que este fator se mostrou relevante para a pesquisa, como podemos perceber na tabela a seguir.

	Futuro do pretérito		Perífrase verbal		Pretérito imperfeito	
	Número de ocorrências	%	Número de ocorrências	%	Número de ocorrências	%
São Luís	12	34,3	12	34,3	11	31,4
Alto Parnaíba	0	0	9	50	9	50
Bacabal	3	14,3	3	14,3	15	71,4
Brejo	1	11,1	4	44,4	4	44,4
Pinheiro	0	0	4	33,3	8	66,7
Carolina	1	6,2	8	50,0	7	43,8
Balsas	0	0	4	20	16	80
Imperatriz	6	23,1	4	15,4	16	61,5
Total	23/157	14,6	48/157	30,6	86/157	54,8

TABELA 2 – Distribuição geral por localidade

Contra-pondo-se os resultados das localidades, obtivemos uma visão geral da distribuição dos dados, nessas localidades. Dessa forma, percebemos que São Luís abarca o maior número de ocorrências, o que pode ser explicado por conta da inserção das entrevistas com universitários. Há também, na capital maranhense, uma aproximação nas ocorrências entre futuro do pretérito imperfeito e perífrase verbal, com 12 ocorrências, correspondendo a 34,4% de todas as realizações, e 11 ocorrências de pretérito imperfeito, correspondendo a 31,4% no total.

No que concerne às localidades do interior, percebemos que em Alto Parnaíba, Pinheiro e em Balsas não há uso da forma padrão, havendo, dessa forma, variação apenas entre as formas inovadoras. Nesses municípios, a perífrase verbal corresponde a 50% das realizações em Alto Parnaíba, com 9 ocorrências; 33,3% das realizações em Pinheiro, com 4 ocorrências; e 20% das realizações em Balsas, também com 4 ocorrências. Em relação ao pretérito imperfeito, Alto Parnaíba aparece com 11 ocorrências, equivalendo a 50% do total; Pinheiro aparece com 16 ocorrências, equivalendo a 66,7% do total; e Balsas aparece com 16 ocorrências, equivalendo a 80% do total de suas realizações.

Nos dados de Bacabal, há empate nos usos de futuro do pretérito e pretérito imperfeito, com 3 realizações correspondendo a 14,3% do total e 15 ocorrências do pretérito imperfeito, o que corresponde a 71,4% do total dos usos, indicando-nos que neste município há favorecimento da última forma mencionada. Brejo e Carolina realizaram igualmente, com 1 ocorrência em cada município, o futuro do pretérito, correspondendo, em Brejo, a 11,1% do total das realizações e a 6,2%, em Carolina. O primeiro município realizou a perífrase verbal 4 vezes, 44,4%, e o segundo município realizou 8 vezes a mesma forma variante, portanto, 50,0% do seu total. Em relação ao pretérito imperfeito, houve 4 ocorrências em Brejo, o que corresponde a 44,4% das ocorrências e 7 ocorrências no município de Carolina, com 43,8%. Há a presença de 6 ocorrências da forma padrão no município de Imperatriz, correspondendo a 23,1% do total seguido de 4 ocorrências de perífrase verbal, representando 15,4% das realizações, além de 16 ocorrências de pretérito imperfeito, representando 80% do total.

Os dados apresentados na tabela 2 nos mostram que o pretérito imperfeito, em todos os municípios, é a forma que apresenta a maioria das ocorrências. Na tabela a seguir, mostramos os resultados realizados a partir da rodada em que foi levada em consideração a variante padrão com cada uma das variantes não-padrão – pretérito imperfeito e perífrase verbal.

Na tabela 3, apresentamos os resultados obtidos após retirarmos as ocorrências das localidades que apresentaram nocaute, para que obtivéssemos o Peso Relativo (P.R.). Verificamos relevância estatística nos dados dos municípios de São Luís, Bacabal e Imperatriz, para as formas inovadoras, pretérito imperfeito e perífrase verbal.

	Futuro do pretérito em função do Pretérito imperfeito			Futuro do pretérito em função da Perífrase verbal		
	Aplicação	%	Peso Relativo	Aplicação	%	Peso Relativo
São Luís	12/23	52,2	0,61	12/23	50	0,57
Bacabal	3/23	16,7	0,59	3/23	50	0,41
Brejo	1/23	20	0,49	1/23	20	0,44
Carolina	1/23	12,5	0,15	1/23	11,11	0,25
Imperatriz	6/23	27,3	0,54	6/23	70,	0,59
Total	23/76	30,3	–	23/54	42,6	–

TABELA 3 – Distribuição por localidade/número de ocorrências/peso relativo

Percebemos que é em São Luís que se registra o maior número de ocorrências em relação às outras localidades do Estado, com mais da metade de todas elas e em contextos em que foram levadas em consideração as variantes estudadas, o que pode ser confirmado nos trechos a seguir:

i) Na loteria? Primeiramente, eu acho que eu **ia tirá** todas as pessoas de *dibaixo* da ponte. Todos os *disabrigados* e **ajudava primêro** quem tem necessidade, quem **estava** passando fome, aí depois **pensava** um *pôco* em mim. [INF. 026/1 – informação verbal]⁴

No trecho citado, podemos notar que o mesmo falante utiliza as duas variantes estudadas para remeter ao fato hipotético de ganhar na loteria, marcando, assim, o que afirmamos em relação à capital do Estado e que comprovamos na tabela de distribuição por localidades: a presença das duas formas na maioria do total de realizações.

⁴ Os dados foram codificados da seguinte forma: a sigla INF significa informante, o número que vem a seguir indica a localidade pesquisada (por exemplo, 026 corresponde a São Luís), o número localizado após a barra traz informações sobre sexo, idade e escolaridade dos sujeitos da pesquisa. Seguindo essa orientação, os números ímpares são atribuídos aos homens, e os pares, às mulheres; os números de 1 a 4 indicam que os informantes cursaram apenas o ensino fundamental (incompleto) e de 5 a 8 que têm o curso superior completo. Nesses dois níveis de escolaridade os números, 1, 2, 5 e 6 correspondem à faixa etária I enquanto 3, 4, 7 e 8 representam a faixa etária II. Nos dados coletados para o *Atlas do Maranhão*, o número da localidade é antecedido pela sigla MA.

Demonstraremos, a seguir, os resultados concernentes às rodadas em que foram levados em consideração os fatores sociais – idade, sexo e escolaridade – e o fator linguístico – paralelismo formal. Não inserimos, aqui, o fator social localidade, pelo fato de já ter sido exposto anteriormente.

b) Variação Diageracional

No que concerne à variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no português do Maranhão, constatamos, com base na análise quantitativa dos dados, que há inclinação para o uso da perífrase verbal, recaindo sobre os mais novos a responsabilidade pelo maior número de ocorrências.

INQ. – E o que que tu farias se tu ganhasses na loteria?

INF. – Ah... com certeza eu **ia fazê** uma casa pra mim muito boa, **ia ajudá** minha família e **ia comprá** um carro pra mim.

INQ. – E para os teus vizinhos mais chegados, o que que tu farias?

INF. – Ah... **ia dá** uma ajuda assim, pelo menos **ia montá** assim um comércio muito grande e **ia empregá** eles, todo mundo (INF. MA 10/2 – informação verbal).

Na tabela 4, apresentamos o resultado geral da pesquisa relacionado aos índices percentuais de variação de futuro do pretérito, pretérito imperfeito e perífrase verbal, de acordo com a faixa etária dos falantes. Mostramos, adiante, os resultados das rodadas em separado, levando em consideração cada variante.

Nessa tabela geral, vimos que todas as faixas etárias valorizam o uso de pretérito imperfeito para a expressão de hipótese. Em relação ao uso da forma padrão – o futuro do pretérito – vimos que, nesta rodada geral, são os mais jovens que optam por esta forma, com 17 das 23 ocorrências, correspondendo a 24,6% do total, contrariando, assim, nossa hipótese inicial que supunha ser os mais velhos os mantenedores dessa forma; na realidade, os falantes da segunda faixa etária aparecem com apenas 6 das 23 realizações, correspondendo a 6,8% do total.

Em relação ao uso da perífrase verbal, identificamos os mais velhos como os usuários desta forma inovadora, com 34 das 48 realizações, o que corresponde a 38,6% do total. Já os mais jovens aparecem com 14 das 48 realizações, correspondendo a 20,3% do total.

	Futuro do pretérito		Perífrase verbal		Pretérito imperfeito	
	Número de ocorrências	%	Número de ocorrências	%	Número de ocorrências	%
18-30 anos	17/23	24,6	14/48	20,3	38/86	55,1
50-65 anos	06/23	6,8	34/48	38,6	48/86	54,5
Total	23/157	14,6	48/157	30,6	86/157	54,8

TABELA 4 – Distribuição por faixa etária

Quanto ao pretérito imperfeito, no que concerne à tabela geral de realizações, os resultados mostram que todas as faixas etárias escolhem essa forma inovadora para a expressão de hipótese no português do Maranhão. Das 86 ocorrências, os indivíduos da faixa etária I foram responsáveis por 38 ocorrências, enquanto que os indivíduos da faixa etária II foram responsáveis por 48 ocorrências do mesmo total. O primeiro grupo fez 55,1% dessas realizações e o segundo, 54,5% das ocorrências.

Em síntese, não há grande variação na escolha por essa forma; ao contrário, os dois grupos de falantes, optam, quase que igualmente, pela mesma forma.

Na rodada em que foi levada em consideração a forma padrão e o cruzamento com cada variante, houve relevância estatística, apenas, na relação futuro do pretérito x perífrase verbal, como podemos confirmar nas tabelas a seguir.

Faixa etária	Aplicação	Total	Peso relativo
	Número de ocorrências	%	
18-30	17/23	54,8	0,74
50-65	6/23	15	0,3
Total	23/71	32,4	–

TABELA 5 – Frequência das ocorrências por faixa etária

Com peso relativo de 0,74 – 17 das 23 realizações, vimos que, ao contrapormos a forma padrão à forma perifrástica, os mais jovens inclinam-se ao uso da perífrase verbal. No que diz respeito aos mais idosos, com 0,30 das ocorrências – 6 das 23 realizações, evidenciamos que este grupo não tem preferência linguística por essa variante.

Faixa etária	Futuro do pretérito		Pretérito imperfeito	
	Aplicação	Total	Aplicação	Total
	N	%	N	%
18-30	17/23	30,9	38/86	69,1
50-65	6/23	11,1	48/86	88,9
Total	23/109	21,1	86/109	78,9

TABELA 6 – Número de aplicação dos dados por faixa etária

Já na rodada em que enfatizamos o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito não houve relevância estatística para o resultado dos dados. Quanto à forma padrão, em relação com o pretérito imperfeito, tende a ser a forma escolhida pelos mais jovens, como demonstrado na tabela 5, não necessitando, portanto, de uma nova análise, uma vez que, por se tratar dos mesmos resultados, estes já foram discutidos, carecendo, assim, apenas de demonstração.

c) Variação Diagenérica

Em nossa pesquisa, realizamos duas rodadas separadamente para confirmarmos o resultado, que está esboçado na tabela a seguir.

Sexo	Futuro do pretérito		Perífrase verbal		Pretérito imperfeito	
	Aplicação	%	Aplicação	%	Aplicação	%
h	14/23	17,1	26/48	31,7	42/86	51,2
m	9/23	12,0	22/48	29,3	44/86	58,7
Total	23/157	14,6	48/157	30,6	86/157	54,8

TABELA 7 – Distribuição dos dados por gênero

Como vimos, há uma pequena diferença no uso das formas em questão. Uma variação ligeiramente relevante é verificada no uso do futuro do pretérito: os homens realizaram 14 das 23 ocorrências, resultando em um peso relativo de 17,1; as mulheres realizaram 9 das 23 ocorrências, correspondendo ao peso relativo 12.

Na aplicação da perífrase verbal, vimos que os homens realizaram 26 do total de 48 ocorrências dessa variante, enquanto que as mulheres realizaram 22 vezes a mesma variante. As realizações dos homens correspondem ao peso relativo 31,7 e as realizações das mulheres correspondem a 29,3.

A aplicação, por homens e mulheres, do pretérito imperfeito corresponde a 42 realizações para eles e 44 para elas. Como resultado, as realizações das mulheres

correspondem a 51,2% do total e as realizações dos homens, a 58,7% do total de ocorrências.

Dessa maneira, o programa não acusou relevância para este fator extralinguístico. Isso nos leva a pensar que homens e mulheres estão se comportando igualmente com relação ao uso das variantes estudadas.

INQ. – E se o senhor ganhasse na loteria, o que é que o senhor faria?

INF. – O que que eu faria? Eu **compraria** um terreno... uma área de terra pra mim criá meus bicho dentro, aí eu **comprava** mais, aí eu num **ia fazê**, só ia lá só *cuidano* deles.

INQ. – E para os seus filhos, o que é que o senhor faria?

INF. – Se quisessem trabalhá comigo lá, ia lá, (inint.) mas **tinha** que trabalhá (INF. MA 16/1 – informação verbal).

d) Variação Diastrática

Em nosso estudo, confirmamos que o uso do futuro do pretérito – forma padrão – é mais recorrente na capital São Luís, sendo esta variante mais utilizada pelas pessoas com nível universitário. Os resultados estão dispostos na tabela a seguir:

Escolaridade	Futuro do pretérito em função de Pretérito imperfeito		Peso Relativo
	Aplicação N	Total %	
Ensino fundamental	4/12	28,6	0,23
Ensino superior	8/12	88,9	0,86
Total	12/24	52,2	–

TABELA 8 – Número de aplicação/peso relativo por escolaridade

Ao analisarmos a tabela 8 a partir da rodada em que temos o futuro do pretérito em função do pretérito imperfeito, vimos que este grupo está em primeiro lugar em posição de importância, estatisticamente falando, segundo o programa *Varbrul*.

Das 24 realizações, 12 foram no futuro do pretérito. Destas, 8 foram realizadas por indivíduos universitários e 4 por indivíduos com ensino fundamental.

Na tabela 9, mostramos os resultados obtidos a partir do cruzamento entre futuro do pretérito e perífrase verbal, em indivíduos com escolaridade até a 4ª série e em indivíduos com curso superior completo.

Escolaridade	F em função de V		Peso Relativo
	Aplicação	Total	
	N	%	
e	4/12	66,7	0,98
s	8/12	44,4	0,20
Total	12/24	50,0	–

TABELA 9 – Número de aplicação/peso relativo por escolaridade

Percebemos que em contextos em que são considerados o futuro do pretérito e a perífrase verbal, os indivíduos com escolaridade mais alta optam por usar a forma padrão, enquanto que os indivíduos menos escolarizados optam por utilizar, em sua fala, a perífrase verbal, tendo a forma padrão peso relativo de 0,98, correspondendo a 66,4% das ocorrências, enquanto que o peso relativo da forma inovadora é 0,20, correspondendo a 44,4% do total das ocorrências.

A partir dos resultados dos dois cruzamentos, concluímos que, nas duas possibilidades de contexto, há favorecimento da forma padrão – futuro do pretérito – por falantes universitários, enquanto as formas inovadoras – pretérito imperfeito e perífrase verbal – são utilizadas por indivíduos com escolaridade até a 4ª série, confirmando, assim, nosso pensamento inicial de que quanto mais escolarizado, maior será o domínio da forma padrão.

5 O FATOR LINGUÍSTICO: o uso do paralelismo formal

Escolhido por nós como o fator linguístico mais propício a ser investigado, o paralelismo formal foi selecionado pelo programa como segundo grupo em relevância. O paralelismo formal, como afirma Scherre (*apud* SILVA 1998, 465), se dá “[...] entre uma oração e outra anteriormente considerada [...]”. Em nosso caso, orações que apresentam o futuro do pretérito, o pretérito imperfeito e a perífrase verbal. Com isso, pensamos que o falante, em sua resposta, dá continuidade ao uso da forma escolhida para o contexto, por exemplo, o futuro do pretérito induz o indivíduo a fazer uso da mesma variante em seu discurso.

A seguir, mostramos tabelas de distribuição das ocorrências de paralelismo formal em contextos que levaram em consideração o futuro do pretérito *x* pretérito imperfeito e o futuro do pretérito *x* a perífrase verbal.

A partir do exposto, vimos que há inclinação dos falantes para o uso do paralelismo formal em contextos em que são consideradas a variante padrão e a variante inovadora, pretérito imperfeito. Os contextos em que é levada em consideração a forma inovadora, perífrase verbal, não se mostraram relevantes estatisticamente. As realizações de futuro do pretérito corresponderam a 34,6% do total de ocorrências, em que não houve o paralelismo, contra 31,1% do mesmo total em que houve o paralelismo formal.

	Futuro do pretérito em função de Pretérito imperfeito		
Paralelismo formal	Aplicação	Total	Peso Relativo
	N	%	
com	14/23	17,3	0,41
sem	9/23	32,1	0,73
Total	23/109	21,1	–

TABELA 10 – Número de aplicação/peso relativo a partir do fator linguístico

No que concerne ao uso da perífrase verbal, 68,9% das ocorrências apresentaram o paralelismo formal contra 65,4% das ocorrências em que não verificamos o mesmo fator linguístico. Nos contextos em que temos o futuro do pretérito em função do pretérito imperfeito, ao contrário do que ocorreu com a perífrase verbal, obtivemos resultados considerados estatisticamente relevantes.

Paralelismo formal	Futuro do pretérito		Perífrase verbal	
	Número de ocorrências	%	Número de ocorrências	%
com	14/23	31,1	31/48	68,9
sem	9/23	34,6	17/48	65,4
Total	23/71	32,4	48/71	67,6

TABELA 11 – Número de ocorrências/porcentagem a partir do fator linguístico

Em sentenças em que não há ocorrência de paralelismo formal, o uso do futuro do pretérito é favorecido, com peso relativo de 0,73 a partir do total de ocorrências que foram 9 em 23, representando assim um percentual de 32,1%, podendo ser verificado no exemplo a seguir:

INQ. – E o que que tu farias se tu ganhasses na loteria?

INF. – Ah! **Faria** muita... **ajudava** alguém, né? **Ajudaria** o pessoal que tá precisano, principalmente, da minha cidade. Na hora que... o que eu pudesse fazê, eu **ia tentá** ajudá.

INQ. – E para ti, o que que tu farias?

INF. – Ah! **Faria** uma casa boa e... uma casa boa! O resto, isso aí eu... uma casa **era** o principal (INF. MA 08/1 – informação verbal).

Já em sentenças em que há o paralelismo formal, a preferência recai sobre o pretérito imperfeito, correspondendo a 17,3% do total das ocorrências e com peso relativo de 0,41, conforme verificamos a seguir:

INQ. – E o que que você faria se ganhasse na loteria. Muito dinheiro?

INF. – Ah! Primero eu **comprava** casa pra mim. Primero lugá, **ajudava** minha mãe, né, aí depois eu **comprava** uma casa pra mim. **Investia** o dinheiro em alguma coisa que **ia** vê que **dava** lucro, né? Só (INF. MA 07/2 – informação verbal).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou examinar um fenômeno do português presente no falar maranhense – o uso do pretérito imperfeito e da perífrase *ir + infinitivo* pelo futuro do pretérito. Levamos em consideração os princípios da sociolinguística variacionista e da geolinguística para obtermos resultados mais sólidos.

Retomando as discussões de nosso estudo, percebemos que em todas as localidades há favorecimento das formas inovadoras. Em São Luís, houve a confirmação de nossa hipótese inicial: quanto mais escolarizado o falante, maior domínio demonstraria da forma prestigiada, e quanto menos escolarizado, menos domínio teria da forma de prestígio.

Como podemos observar, os fatores sociais e o fator linguístico por nós escolhidos para a pesquisa, mesmo mostrando irrelevância nas rodadas do programa, foram importantes para que percebêssemos que fatores contribuem para uma possível mudança no português falado no Maranhão, no que concerne à expressão de hipótese.

Percebemos que a aplicação destes fatores contribuiu para obtermos uma *fotografia* do falar maranhense, justificando, pois, nossa pesquisa e a necessidade de ampliação deste retrato dos usos de verbos no português maranhense.

Em síntese, esperamos ter contribuído para as discussões sobre a variação nos usos de pretérito imperfeito e futuro do pretérito, objetivo desta pesquisa. Esperamos, também, ter acrescentado novos direcionamentos sobre esta discussão, ressaltando, contudo, que esses resultados não são definitivos, pois a língua,

instrumento vivo, patrocinadora das relações comunicativas entre os homens, está em constante mudança.

REFERÊNCIAS

CABRERA, Julio; FILHO, Olavo Leopoldino da Silva. **Inferências lexicais e interpretação de redes de predicados**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática histórica**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

SILVA, Tereza Santos. A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis. *In: Actas do Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 14. 1998. Disponível em: <<http://www.apl.org.pt/actas/xiv-encontro-nacional-da-associacao-portuguesa-de-linguistica.html>>. Acesso em: 2 dez. 2008.

SOUSA, Fernanda Cunha. **A alternância entre o pretérito imperfeito e futuro do pretérito na expressão da hipótese**. Juiz de Fora, 2007. f. 130. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **O aspecto verbal em português: a categoria e sua expressão verbal**. ed. ver. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.